

O ASPECTO PRAGMÁTICO DA PARUSIA EM MATEUS 24.3-14 E A SUA INFLUÊNCIA NO CONTEXTO DA MISSÃO CONTEMPORÂNEA.

André Correa Benevenuto*
Luis Carlos dos Santos Coutinho Retondaro*

Resumo

O presente artigo evidencia o caráter de urgência da missão contemporânea, através de um diálogo que reflete no campo da parusia e sua influência em tal projeto. O ministério de Jesus, frente a comunidade mateana, as crises e contraposições, servem de pano de fundo para a proposição de uma obra missionária de maior amplitude, coerente com o contexto atual, tomando como base o texto de Mateus 24, e o estabelecimento do reino messiânico.

Palavras-chave: Reino de Deus, Parusia, Missão Contemporânea.

Introdução

“Ao romper do dia, todos os principais sacerdotes e anciãos do povo entraram em conselho contra Jesus, para o matarem;” (Mt 27.1)

Assim se evidencia o clímax de uma crise na comunidade mateana, nos dias do evangelho de Mateus. A partir desse contexto, o presente estudo realiza um ensaio introdutório sobre o foco e o caráter de urgência da missão cristã contemporânea. A fim de estabelecer um diálogo inicial, um paralelo é estabelecido entre a missão da igreja e a própria missão de Jesus Cristo frente à comunidade mateana.

* Graduandos em Teologia pela Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo, matrículas 159901 e 166607, respectivamente. Trabalho de Conclusão de Curso com vistas à obtenção de grau de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Me. Luciano José de Lima – Maio 2012

Diante dessa temática inicial, o debate é conduzido ao campo da parusia, onde se busca influências de aspecto prático na missão. O texto que conduz a investigação do tema é o que destaca uma parte do chamado sermão profético, em Mateus 24.3-14.

Ali se descortina um cenário de expectativa da igreja primitiva no estabelecimento do Reino de Deus vaticinado pelos profetas, bem como a relação com a própria esperança da igreja contemporânea.

O presente trabalho trata de uma proposta hermenêutica que serve como exercício teológico para a temática sugerida.

Na primeira seção, o diálogo acerca do reino de Deus cria o pano de fundo para o cenário do ministério de Jesus entre os discípulos e a natureza das suas ações na revelação do reino messiânico. Nesse módulo também se faz uma breve análise do texto em questão, gerando parâmetros para um aprofundamento do tema a respeito do conceito de missão e vida, tal como o alcance das palavras proféticas de Jesus.

A seguir, este artigo apresenta a dinâmica escatológica das palavras e ações de Jesus, frente à comunidade em conflito; levando em conta os eventos relacionados a Israel e à própria igreja cristã. O conflito na religião judaica, na política e a conseqüente tendência à rejeição do ministério de Jesus, agregam um valor às reações analisadas no aspecto missionário. Eventos como a Grande Tribulação e o Arrebatamento não são analisados de maneira exaustiva, por não serem o foco do estudo, mas são citados e embasados ao ponto de criar uma plataforma útil para a interpretação de uma nova cultura missionária iniciada em Jesus.

Por fim, este trabalho evoca o caráter de urgência da missão e a sua essência com foco no ser humano e sua vida restaurada. Nessa última análise, a influência da parusia observada no texto de Mateus, bem como o alcance de público, favorece a construção de um importante conceito: a missão vital da igreja. A partir daí, o estudo suscita o comprometimento da igreja com uma missão vital, motivada pela bendita esperança da parusia, independentemente de tempos ou eras.

O último grande sermão de Jesus

O texto base para este trabalho trata da narrativa, segundo o Evangelho de Mateus, de parte do sermão que Jesus Cristo proferiu pouco antes do momento da Sua

morte, em atenção à necessidade que os discípulos manifestaram de satisfazer uma angústia inquietante sobre o estabelecimento do reino de Deus profetizado.

Nesse contexto, cabe uma análise que conecta a mensagem desse sermão com a missão que Jesus deixa para seus discípulos. Em momento posterior, Jesus haveria de designar aos seus discípulos uma tarefa, que complementaria a sua própria missão (JOHNSTONE, 1998, p. 15-16).

Eis o texto em análise:

Mateus 24.3-14¹

3- No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e lhe pediram: Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século.

4- E Ele lhes respondeu: Vede que ninguém vos engane.

5- Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos.

6- E, certamente, ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim.

7- Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares;

8- porém tudo isto é o princípio das dores.

9- Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome.

10- Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros;

11- levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos.

12- E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos.

13- Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.

14- E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim.

1 A tradução utilizada como referência em todo o trabalho é a tradução de João Ferreira de Almeida (ARA), segunda edição Revista e Atualizada no Brasil (WEGNER, 1998, p. 9) .

A mensagem apostólica e a vida comum dos discípulos de Jesus foi baseada nos ensinamentos e atividades práticas do seu Mestre. É razoável compreender que o ensino oral era o meio fundamental para comunicar as tradições judaicas durante o período do ministério de Jesus com os discípulos.

No contexto destas palavras em Mateus, a comunidade cristã está em crise. Havia ocorrido a queda de Jerusalém em 70 d.C. e o templo já não existia mais. Movimentos judaicos que antes eram característicos do Templo, agora eram confrontados pelos líderes fariseus, sendo um deles o movimento de Jesus e seus seguidores.

Segundo Garcia (GARCIA, 2002, p. 38), nessa situação de conflito, cada movimento religioso operava como alternativa ao Templo, buscando se apresentar como um novo e verdadeiro Israel.

A realidade que o Evangelho de Mateus confronta é de que a comunidade deve se manter fiel ao reino de Deus através de práticas que consideravam justas ou fiéis a identidade do verdadeiro Israel.

O que se pode observar da religião judaica na comunidade mateana, é uma fragmentação que culmina com muitas disputas religiosas. Essas disputas porém alcançam outras dimensões da vida.

Percebendo um tom negativo ao citar os fariseus, Overman (OVERMAN, 1997, p. 35) destaca que o evangelho de Mateus narra essa disputa religiosa, onde a comunidade está em posição desfavorável frente a esse grupo. Segundo ele, as reações hostis da comunidade, encontradas no Evangelho de Mateus refletem uma posição contrária, muitas vezes defensiva, à pressão exercida pelas autoridades.

Esse cenário é pano de fundo para a consideração do reino oferecido por Jesus, como sendo o mesmo reino teocrático proposto pelos profetas do Antigo Testamento. John Bright afirma que o conceito do Reino de Deus envolve, na realidade, a mensagem total da Bíblia; e ainda declara:

Apesar de mencionar repetidas vezes o reino de Deus, Jesus jamais parou para defini-lo. E nenhum espectador jamais interrompeu para perguntar: “Mestre, o que significam estas palavras, 'reino de Deus', que Tu tanto usas?”. Pelo contrário, Jesus usou o termo como se estivesse certo de que seria entendido, e realmente foi. O reino de Deus pertencia ao vocabulário de todo judeu. Era algo que entendiam e pelo qual ansiavam desesperadamente. (apud PENTECOST, 1998, p. 458)

O estabelecimento do Reino de Deus em Jesus, gera uma animosidade diferenciada e traz novo cunho de esperança à comunidade em crise.

As palavras de dúvida dos discípulos sugerem que eles entendiam que Jesus fora enviado por Deus e criam no estabelecimento do reino messiânico. A autenticidade da oferta de Jesus em relação ao reino foi provada pelos milagres e sinais que eram evidências do poder de um rei teocrático. Sobre isso afirma Peters:

Os milagres são tão relacionados ao reino que não podem ser separados dele sem desfigurar a ambos. [...] Os milagres são confirmações previamente concedidas de que o reino virá como previsto. [...] O reino – o fim – tem como propósito desfazer a maldição do homem e da natureza, regenerando-os.[...] Então é lógico esperar, como parte do desenvolvimento do próprio plano, que, quando Aquele por meio de quem o homem e a natureza serão regenerados, seja exibida uma manifestação de poder, para confirmar nossa fé Nele e no Seu reino. (apud PENTECOST, 1998, p. 461)

Cada sinal e milagre de Jesus, então, não somente revela o poder divino do Messias, mas as condições que deviam existir para o estabelecimento do reino.

No Evangelho de Mateus, Jesus Cristo é apresentado como esse Messias e sua oferta do reino é relatada até o capítulo 11. Segundo Barnhouse (apud PENTECOST, p. 473), a partir dos acontecimentos relatados no capítulo 11 e 12, entretanto, a oferta de Jesus é retirada e adiada depois da rejeição do povo de Israel. Em Mateus 12,14.15 registra-se: “retirando-se, porém, os fariseus, conspiravam contra ele, sobre como lhe tirariam a vida. Mas Jesus, sabendo disto, afastou-se dali”.

Barnhouse analisa ainda que, com o afastamento de Jesus, um movimento de retirada da oferta do reino é traçado, como fruto da rejeição de Israel. A partir daí, nas parábolas (Mt 13.1-50) Jesus esboça o desenvolvimento do reino de Deus durante a ausência do Rei, e anuncia um plano inteiramente novo até então: a igreja (Mt 16.13-20).

Em uma primeira aproximação com o texto de Mateus 24, a delimitação sugerida baseia-se na mudança de tempo verbal, bem como na condução do texto, que passou para uma narrativa.

Sugere-se nesta perícopes a seguinte subdivisão:

1. O questão colocada pelos discípulos (vs. 3)
2. A resposta de Jesus (vs 4 a 14)
 - 2.1 Os eventos futuros (vs. 4 a 12)

2.2 Uma promessa, como conclusão da resposta (vs.13 a 14)

Quando Jesus retoma o sermão no versículo 15 ele já faz menção de uma postura desejada nos seus discípulos, mudando um pouco o foco da sua declaração. Para isso, faz-se uso da conjunção “quando”; o que delimita o fim daquela perícópe.

Em uma segunda análise o texto apresenta palavras explicativas e ações representadas por verbos no futuro o que caracterizam revelações de mistérios a cerca de eventos ainda não ocorridos.

O tema principal é o “fim dos tempos”, pois nota-se que na exposição dos acontecimentos futuros, há três referências à palavra “fim”; sempre refletindo a cerca da consumação do século, mencionada no versículo 3.

No capítulo anterior (capítulo 23), Jesus falou sobre a destruição de Jerusalém.

Jerusalém era o centro da religião judaica. Entretanto, essa importante cidade é acusada de matar os profetas. No templo de Jerusalém passou a ser pelos profetas como deturpação da mensagem do Reino.

Por prever que a classe superior dos judeus, estava a ponto de rejeitá-lo, Jesus não tinha mais outra mensagem para comunicar à elite de Israel que não fosse o juízo: “Eis que a vossa casa vos ficará deserta.” (Mt 23.38).

Logo após proferir estas palavras Jesus deixa o Templo de Jerusalém, e passa a falar diretamente aos seus discípulos no capítulo 24.

A grandeza de Jesus é que seu foco está além do juízo de Israel; está na esperança deixada ao povo judeu: “Declaro-vos, pois, que, desde agora, já não me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!” (Mt 23.39).

O contexto analisado e o vínculo claro entre essas passagens, evidencia o público-alvo de Mateus 24, como sendo o povo de Israel. Qualquer referência à igreja aqui pode ser considerada como especulação. Isto porque o ministério da igreja ainda não havia sido iniciado, e portanto, nenhuma referência ao tempo final deste ministério poderia ser feita.

A seguir, desenvolve-se uma reflexão sobre o testemunho dos discípulos e dos primeiros cristãos, bem como significado da bendita esperança na volta de Jesus neste contexto.

Testemunhas no tempo e no espaço

Inicialmente estabelecemos o contexto do discurso de Jesus no monte das Oliveiras. Historicamente, segundo Vermes (VERMES, 2006, p. 108), Jesus pregou direta e principalmente aos judeus. As primeiras testemunhas receberam uma missão a qual desempenharam na esperança da vinda de Jesus como rei - “venha a nós o teu Reino...” (Mt 5).

O sermão de Jesus em Mateus 24 tem o caráter profético, contendo declarações sobre os tempos finais e deixando um verdadeiro testamento de esperança para seus discípulos. O termo “consumação do século” faz associação com os últimos acontecimentos para se estabelecer o reino. A dimensão escatológica, (do grego εσχάτος - escatós, "último") da fé dos séquitos de Jesus está intimamente ligada à sua missão.

Juan B. Stam inicia sua obra com orientações de como interpretar a mensagem profética:

'Até o fim dos tempos' e 'até os confins da terra': essas duas expressões resumem a incumbência que Cristo deixou para sua Igreja. A ordem de pregar o Evangelho do Reino a todas as nações é a chave do plano de Deus até o final dos séculos (Mt 24.14; 28.18s) essas referências ao tempo (escatologia) e ao espaço (missão) são uma chave indispensável para entender a teologia bíblica de missão da Igreja. Mas também, ao contrário, essa visão missionária é uma chave indispensável para a fiel compreensão da escatologia bíblica. (STAM, 2003, p. 9)

A escatologia de Mateus faz uso de imagens do Filho do Homem (24.31-51; cf. Dn 7.13; Ap 1.7) e do juízo (25.32-33), com o intuito de afirmar a mensagem sobre o reino de Deus (RODRIGUES, 2005, p. 56). Segundo Theissen (THEISSEN, 2002, p. 266), embora haja um consenso sobre a pregação de Jesus ter como núcleo o reino de Deus, as interpretações são controversas. Jesus se concentra na ação escatológica de Deus como salvação, sem no entanto, omitir o juízo.

Theissen articula sobre as diversas interpretações resumindo um quadro com: a escatologia realizada (voltada para o presente - “o reino de Deus já chegou”), a escatologia coerente (reino futuro) e escatologia dupla (com abrangência em termos da salvação).

A despeito dessas interpretações, fica claro que a comunidade em crise, historicamente, vivia sob uma esperança apocalíptica, ou seja, sob uma expectativa de

um mundo novo contida em revelações. Assim, Bosch (BOSCH, 2002, p. 52) entende que o reino de Deus está no centro da compreensão da missão de Jesus.

O modelo neotestamentário de missão em Mateus nos traz luz ao diálogo sobre o reino de Deus (*malkuth Yahweh*, em hebraico), que segundo Bosch, é um termo que não aparece no Antigo Testamento. Bosch sinaliza também que mais tarde este tópico é desenvolvido em alguns estágios, e o reino de Deus se realizaria em:

- primeiramente, na dinastia de Davi (2 Sm 7.12-16);
- mais tarde, na crença de que Deus reconciliaria e governaria o mundo a partir do templo (Ez 40-43); e,
- durante períodos de dominação estrangeira, na convicção de que o reino de Deus era uma entidade futura e se manifestaria numa total inversão de posições colocando Israel por sobre os inimigos.

Essa última concepção é a que predomina nos tempos do ministério de Jesus na terra.

Por se tratar de uma mensagem essencialmente ao povo de Israel, Mateus 24 precisa responder a que época Jesus se refere. A identificação do “fim” citado no versículo 14, torna-se importante para este trabalho, à medida que influencia no trato do desenvolvimento da missão da igreja. Não se trata de especular quando será o fim, mas de asseverar de maneira plausível, sobre qual “fim” se refere o texto.

A profecia da abominação desoladora (versículo 15) é mencionada por Jesus em acordo com o profeta Daniel. Essa profecia de Daniel é claramente para o tempo do fim (Dn 12.4,9), referindo-se a um tempo de grande angústia como jamais houve antes (v. 1). É desse tempo de grande angústia, da Grande Tribulação, que Jesus fala em Mateus 24.21. A este, pode-se comparar os seguintes textos:

“Ah! Que grande é aquele dia, e não há outro semelhante! É tempo de angústia para Jacó; ele, porém, será livre dela” (Jr 30.8).

“E sobrevieram relâmpagos, vozes e trovões, e ocorreu grande terremoto, como nunca houve igual desde que há gente sobre a terra; tal foi o terremoto, forte e grande” (Ap 16.18).

Entretanto, Prigent comenta sobre este último versículo de Apocalipse o seguinte:

[...] a cólera de Deus se cumpre nestes sete últimos flagelos. Não se trata, portanto, da última palavra de Deus sobre o mundo: a história

não está no fim, mas o julgamento de Deus entrou em ação. Os sinais habituais das teofanias acompanham esta proclamação. Todavia, o seu caráter particularmente solene é sublinhado pela violência do tremor de terra. Pode-se relacionar com Dn 12.1, mas o melhor paralelo é sem dúvida Ex 9.18,24. (PRIGENT, 1993, p. 293)

Ainda que a destruição do templo em 70 d.C. tenha sido um tempo difícil para Israel, parece que a narrativa aponta para algo com expectativa futura, pois os eventos são indistintamente relacionados a fatos que nunca ocorreram.

Quando Jesus cita “o princípio das dores” no versículo 8, pode-se concluir em tese, que trata-se de uma preparação para o estabelecimento do seu reino em caráter futuro. O que talvez a comunidade mateana ainda não se dava conta é que o retorno de Jesus como Rei não traria o fim, mas um novo começo.

Ao mencionar a observância do “sábado” no versículo 20 de Mateus, tem-se mais um aspecto para compreender que a mensagem é realmente específica para o povo de Israel e não para a Igreja.

A relação de missão espacial e temporal para o povo de Israel, não pode portanto estar vinculada a deveres associados à Igreja.

Quando Jesus diz no versículo 14: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim”, fala diretamente a Israel, a um remanescente que pregará sobre o Reino do Messias, durante o tempo da Grande Tribulação.

A próxima seção trará uma luz sobre esta missão específica e a missão da igreja em pregar o evangelho antes da volta de Jesus se concretizar.

Parusia e missão da Igreja

O termo que associa à volta de Jesus Cristo como Rei a todos os eventos ligados a esse segundo advento é a **parusia** (do grego Παρουσία, "presença"). Dois aspectos importantes que até aqui conseguimos averiguar sobre a parusia relacionada ao texto de Mateus 24:

- a) Ele virá para o seu povo (Israel) como Rei;
- b) Antes disso acontecer, um tempo de sofrimento está anunciado para Israel.

Como visto, esses dois aspectos são primariamente configurados como sinais do cumprimento da palavra profética, principalmente, no evangelho de Mateus.

O ministério de Jesus é inaugurado em Mt 4.17 com o anúncio da proximidade do reino de Deus. A esperança de libertação futura parece invadir o presente. Nasce uma nova tensão sobre a dimensão futura e presente do reino de Deus. Ele já chegou mas ainda virá. Sobre isso Bosch declara:

Tais ditos patentemente conflituosos representam um embaraço para nós. Não admira que, ao longo da história da igreja, os cristãos tenham tentado resolver a tensão. [...] Hoje em dia, entretanto, a maioria dos pesquisadores concordam que a tensão entre o “já” e o “ainda não” do reinado de Deus no ministério de Jesus faz parte da essência de sua pessoa e consciência, não devendo ser resolvida; é precisamente nessa tensão criativa que a realidade do reinado de Deus tem significância para nossa missão contemporânea. (BOSCH, 2002, p. 53)

No centro desse diálogo se estabelece uma acomodação dogmática: se para Israel há uma bendita esperança de salvação futura, para a igreja cristã, ainda que seja um evento futuro, a crença na salvação pode nortear um novo estilo de vida em comunidade já no tempo presente, bem como revolucionar a sociedade. Com isso a esperança da igreja na plenitude de Jesus Cristo, cria um vínculo importante com o evento do arrebatamento: o grande encontro com Cristo citado em 1 Ts 4.13-5.3.

Nota-se uma dimensão escatológica para a missão da igreja. O aspecto temporal dessa dimensão impõe limites na missão contemporânea da igreja: até se cumprir o evento do seu arrebatamento.

O presente trabalho não visa aprofundar nas questões relacionadas a esse evento, mas é notório que se faz necessário delinear o vínculo e a influência que ele pode ter com a prática missionária frente à parusia. Aqui surge um outro “fim” que justifica a tensão gerada no versículo 14.

A cautela com a análise escatológica é essencial, como nos apresenta Stam:

De todas as disciplinas teológicas, a escatologia tem sido aquela em que mais se especulou e menos se respeitou o texto bíblico. [...] A verdade é que a tentação de acrescentar algo ao texto bíblico é muito sutil e perigosa. Ocorre com praticamente todos os textos e todos os temas escatológicos. (STAM, 2003, p. 11)

Sobre o arrebatamento por exemplo, em 1 Ts 4.17, tem-se por hábito interpretar que a partir da nossa reunião com Cristo nas nuvens seguiremos ao céu. Em uma análise mais acurada do texto pode-se observar que não existem parâmetros para isso, com fez Stam:

O texto afirma que seremos levados entre as nuvens ao encontro com o Senhor no ar, mas não diz que da nuvem iremos para o céu. Nenhum

outro texto diz clara e explicitamente que iremos ao céu para estar ali [...] durante a Grande Tribulação na terra. (STAM, 2003, p. 13)

Em sua análise sobre a escatologia, ele afirma ainda que uma passagem clara como Mateus 24 deve ter maior prioridade sobre passagens mais obscuras, como o arrebatamento, por exemplo.

O texto de Tessalonicenses supra citado menciona a retirada da Igreja da face da terra de maneira iminente, ou seja, de repente, sem aviso ou sinal. Esse aspecto é de suma importância para o estudo em questão. Portanto, aqui se ajusta o foco no aspecto da iminência. Alguns textos bíblicos corroboram o aspecto da iminência no evento do arrebatamento, como por exemplo Lucas 12.40.

No início dessa seção, do ponto de vista de Israel, foram destacados sinais claros da parusia. Ao evento do arrebatamento da igreja, entretanto, nenhum sinal claro é evidenciado nos textos bíblicos. Ao contrário, o fator da ocorrência iminente, anula qualquer previsão ou preconceito sobre esse evento em especial.

Independente de correntes dogmáticas sobre o tempo em que o arrebatamento irá ocorrer - se antes da Grande Tribulação (pré-tribulacionismo), ou depois (pós-tribulacionismo) – sob a ótica da iminência, os sinais de Mateus 24 não podem ser associados ao evento, pois a igreja não deve esperar nenhum sinal.

Essa expectativa emergente, nos impele a desenvolver um diálogo sobre o caráter urgente da ação missionária da igreja.

Teologicamente, torna-se então, inviável justificar a brevidade, ou indicar um tempo aproximado para a ocorrência deste evento relacionado ao arrebatamento da igreja. Seria mais uma especulação. Entretanto, identificá-los como eventos distintos, torna-se importante para estabelecer uma correlação com a missão contemporânea da igreja.

Portanto, a missão na perspectiva do reino de Deus inclui trazer de volta a humanidade plena das pessoas perante Deus. A totalidade do ser humano em plenitude de vida, deve ser o propósito missionário da igreja, pois o próprio Jesus a inaugurou, como mencionado acima. No contexto deste trabalho, este modelo de missão será denominado “missão vital” da igreja.

A prática de Jesus na comunidade de Mateus vislumbra esse modelo, como declara Bosch:

No ministério de Jesus, pois, o reinado de Deus é interpretado como expressão da autoridade solícita de Deus sobre a totalidade da vida. Nesse meio tempo, entretanto, as forças contrárias continuam sendo uma realidade. Elas seguem declarando-se os verdadeiros absolutos. Assim, permanecemos tanto impacientes quanto modestos. Nós sabemos que nossa missão não vai introduzir o reinado de Deus. Também Jesus não o fez. Ele inaugurou o reino, mas não o levou à sua consumação. À semelhança dele, somos chamados a erigir sinais do reinado de último de Deus – não mais do que isso, mas certamente também não menos. Quando oramos “venha o teu reino!” também nos comprometemos a iniciar aqui e agora, aproximações e antecipações do reinado de Deus. Mais uma vez: o reinado de Deus *irá* vir, visto que já veio. Ele é ao mesmo tempo concessão e desafio, dádiva e promessa, presente e futuro, celebração e antecipação. Temos a firme garantia de que sua vinda não pode ser frustrada. “Mesmo a rejeição, a cruz e o pecado não são obstáculos insuperáveis para Deus. Mesmo os inimigos do Reino estão a serviço do Reino. (BOSCH, 2002, p. 56)

Nota-se que o ministério de Jesus lança uma luz tão excelente sobre a missão da igreja, que o conceito de apenas pregar o evangelho é muito pobre para o escopo de tal missão.

Além dessa suposta restrição acerca da missão como pregação, há o fator limitador que esta seção indica: o tempo. Como se pôde observar, a missão vital deve ser realizada de maneira urgente, e coerente com a prática de recuperação e sustentação da vida. Aqui chegamos ao clímax da questão relacionada com o texto de Mt 24.14.

Parece que a urgência missionária, nada tem a ver com o estabelecimento de um prazo para que o evangelho seja pregado a todas as nações. Além disso, a conclusão de que a missão vital não se resume à pregação, pode ser reforçada a partir do próprio texto, pois a ênfase relacionada às nações está no testemunho e não na pregação.

A missão vital é urgente, e o plano de restauração da vida em Jesus é o foco principal. O caráter da urgência se apóia no fator de ocorrência iminente do arrebatamento da igreja. A especulação de certos arraiais da igreja ao declarar que: “o fim não chegará se não pregarmos o evangelho a todas as nações”, ou ainda: “estaremos retardando a volta de Jesus, se não pregarmos o evangelho a todas as nações”, parece se situar mais no campo da incoerência injustificável, do que no campo da bendita esperança deixada por Jesus aos seus primeiros discípulos.

Independente de quando ocorrerá, e de que forma será, o que a comunidade cristã contemporânea tem recebido como missão é trazer vida a todos. A influência da parusia no ambiente missionário deve servir de condução para o transporte de elementos

vitais ao processo de restauração e libertação, tais como: a esperança e a paz proveniente de Deus.

Considerações finais

O contexto de Mateus trata da crise que havia em Jerusalém, na época do ministério de Jesus. Nos outros evangelhos, a partir da preocupação que os discípulos tinham sobre a rejeição que Jerusalém faria ao seu Messias, os discípulos interrogaram quanto à destruição do Templo e da cidade. Em Mateus, os discípulos perguntam sobre o sinal da vinda do seu Senhor e da consumação do século. Nos outros evangelhos, a vinda de Jesus Cristo é sempre mencionada como depois de todas as tribulações e até do próprio arrebatamento. Entretanto, nenhum autor bíblico pensou em fazer uma cronologia dos eventos proféticos, e nem tão pouco, uma relação exaustiva de tais eventos.

Segundo Bosch (BOSCH, 2002, p. 64), a partir da ressurreição de Jesus, a missão da igreja primitiva esteve confinada a Israel, assim como o próprio ministério de Jesus; e “Jerusalém continuou sendo o centro da nova comunidade, cujos membros seguiram visitando o templo regularmente”.

Nesse contexto, apesar da comunidade não se opor à conversão dos gentios, a coisa mais natural seria a prática de atos judaizantes, como a circuncisão. Ainda que sob controvérsias, a comunidade cristã estava em constante desenvolvimento, e mantinha por isso certas diferenças. Com o enfrentamento de tais desafios, a igreja decidiu não se manter nas fronteiras do judaísmo, mas transcender todas as barreiras, tal como o ministério do próprio Jesus. O senso de missão dessa comunidade faz com que seja impossível voltar atrás e a igreja passa a dar um salto em favor da vida.

Se no contexto da igreja contemporânea, se estabelece um vínculo direto e único da missão com a pregação do evangelho, faz-se necessário uma reflexão a partir do contexto prático do ministério da comunidade primitiva e sua prática relacionada anteriormente. A isso se propõe elucidar este trabalho.

Assim como Jesus, em seu ministério, priorizou o contato com o humano, devemos também focar o aspecto missionário no restabelecimento da vida humana. Muito além do embate religioso, Jesus articulou no patamar da política e da formação de uma nova ordem a partir da igreja.

Para ser satisfeita, a missão contemporânea precisa aprender com a dinâmica da missão de Jesus.

O presente trabalho fez uma breve análise da influência da parusia na missão, principalmente, na missão contemporânea, ressaltando os aspectos relacionados a comunidade mateana e os primeiros discípulos de Jesus.

A ideia de aplicar limites humanos, à missão que é dada por Deus - como se encontra no senso comum de algumas igrejas atuais - é incoerente com a própria missão. Desses limites, o que destacamos como pontos de crítica, são:

- A equivalência entre pregação e missão; e,
- O alcance territorial da pregação (a todas as nações) antes do fim planejado para Israel, especificamente.

Esse discurso que começou com a reflexão sobre a crise e a problemática do futuro de Jerusalém, termina com a promessa divina de reunir todo o seu povo quando Jesus voltar (Mt 24.31).

Com isso conclui-se que o diálogo proposto impulsiona uma reflexão para o campo da missão contemporânea, no sentido de promover uma prática mais abrangente no contexto da igreja. Além disso, o estudo estabelece um caráter de urgência da missão, exibindo resultados sintéticos que apontam essa necessidade para a bendita esperança na parusia e não em eventos espiritualizados acerca de cronologia ou dogmas religiosos. A prática do cotidiano cristão deve, portanto, incorporar um sentido de profundidade na vida humana restaurada hoje, com projeção de plenitude na parusia.

Referências bibliográficas

BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2002.

GARCIA, Paulo R. *Também sobrevivência e solidariedade*. Caminhando, v. 7, n.1, p. 38-51, 2002.

JOHNSTONE, Patrick. *A igreja é maior do que você pensa: a tarefa inacabada da evangelização mundial*. Camanducaia: Missão Horizontes, 1998.

OVERMAN, J. A. *O evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. São Paulo: Loyola, 1997.

PENTECOST, J. D. *Manual de escatologia: uma análise detalhada dos eventos futuros*. São Paulo: Vida, 1998.

PRIGENT, Pierre. *O apocalipse*. São Paulo: Loyola, 1993.

RODRIGUES, Elisa. *As imagens de Mateus à luz da cultura gentílica*. São Bernardo do Campo: Oráculo, v. 1, n. 2, p. 56, 2005.

STAM, Juan B. *Profecia bíblica e missão da Igreja*. São Leopoldo: CLAI/Sinodal, 2003.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

VERMES, Geza. *O autêntico evangelho de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

WEGNER, Uwe. *Exegese do novo testamento: manual de metodologia*. 5 ed. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulus, 1998.